

Silvia Leonor Alonso  
Bernardo Tanis

# Masochismo ordinário

Na edição Número 18, publicamos o texto “O engodo feminino do masochismo ordinário”, de Claude Le Guen. Neste número, além da entrevista com o autor, convidamos dois colegas do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae para refletir sobre a seguinte questão: “O masochismo na mulher se apresenta de maneira tão implacável e estruturante quanto o descreve Le Guen em sua clínica?”

**Silvia Leonor Alonso:** É sobre uma série de comportamentos masochistas que insistem nos relatos de suas analisandas mulheres, que Claude Le Guen se interroga no texto “O engodo feminino do masochismo ordinário”<sup>1</sup>. Sobre esse *algo* que, como escreve na última frase, “na teoria, não está verdadeiramente nomeado”. Mas como Freud ouviu de Charcot, “a teoria não impede de existir”.

Tais comportamentos não seriam diretamente sexualizados e se apresentam de formas diversas, apontando para repetidas escolhas de lugares de sofrimento e revelando modos de situar-se diante da vida que expressam uma *hipermoral* inconsciente. Sua natureza peculiar os classificaria muito mais do lado das inibições que da passividade.

*Masochismo feminino?* Não é disto que se trata. Freud ocupou-se do conceito de masochismo feminino no texto “O problema econômico do masochismo”,<sup>2</sup> onde trabalha a questão partindo de fantasias eróticas de homens, caracterizadas pela procura de alvos passivos, e que podem ser definidas como organizações fantasmáticas tardias girando em torno da angústia de castração. Temática

que vai continuar no trabalho do texto “Batem numa criança”, no qual estuda a fantasia de ser batido, que tem sua origem tanto em meninos quanto em meninas, no vínculo incestuoso com o pai.

*Masochismo moral?* Le Guen considera que tal qualificação talvez seja mais próxima, mas alerta o leitor que sua utilização não deixa de ser embaraçosa, pois nos faria perder de vista sua especificidade no caso das mulheres. De fato, no masochismo moral o ego, que *deseja* ser submetido pelo superego, aparentemente sacrifica-se às exigências deste último, mas na verdade coloca-se enquanto objeto para si mesmo, implicando assim o próprio *narcisismo*. Sem deixar de reconhecer a irredutível afirmação freudiana sobre a bissexualidade constitutiva fundamental do ser humano, o autor pergunta-se pelas raízes primeiras do masochismo, e sobre

**Silvia Leonor Alonso** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é também professora do Curso de Psicanálise. É co-realizadora de *Freud: um ciclo de leituras* (Escuta).

**Bernardo Tanis** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor do Curso de Psicanálise da Criança do mesmo instituto e do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da PUC/SP. É autor de *Memória e temporalidade: sobre o infantil na psicanálise* (Casa do Psicólogo).

as eventuais especificidades que nele seriam introduzidas pelas *diferenças anatômicas*. No texto "A Sexualidade feminina", Freud - informado pelas analistas mulheres sobre os testemunhos transferenciais nos atendimentos a pacientes mulheres - reconhece a força da ligação da menina com a mãe, mas ao mesmo tempo sua hostilidade. Mostrando que a rivalidade com a mãe no complexo de Édipo vem apenas reforçar uma hostilidade já presente na fase anterior, Freud ressalta a importância da atividade sexual da menina em sua relação com a mãe, com seus fortes componentes orais, sádicos e fálicos.

É justamente nesta ligação e em sua incontornável ambivalência, que Claude Le Guen busca as razões da especificidade do masoquismo feminino, focalizando não a diferença entre os sexos, mas sim a identidade ou não identidade com o corpo da mãe.

É neste ponto que o texto introduz a questão do *engodo feminino*: "o que a menina oferece para a mãe na sua *identificação narcísica*, é uma mistura de plenitude gratificante e incerteza frustrante", "uma paixão mais forte, de onde a violência mais próxima na ambivalência, para amar ou para odiar". Violência denegada pelos homens, a quem inquieta, e descartada pelas mulheres, a quem atemoriza.

Segundo o autor, é contra essa violência materna que o masoquismo se estrutura como defesa, defesa "em relação de sujeito", ou seja, protegendo seu próprio *narcisismo*, afirmando sua identidade de sujeito.

Assim o texto, que visa esclarecer o masoquismo, desemboca na questão do narcisismo, o que não deve nos causar estranheza. Lembremos que Moustapha Safouan em seu trabalho sobre a sexualidade feminina<sup>3</sup>, ao criticar as considerações clínicas de Karen Horney sobre o relato de uma paciente, já aponta o equívoco da seguinte afirmação desta autora: "as fantasias de violação são

o indício de uma relação objetual com o pai e através dele com os homens". Na verdade, elas assinalariam o caráter *narcísico* da referida relação, o narcisismo constituindo o campo por excelência da agressão erótica.

Como atesta a clínica, o masoquismo, em suas formas moral ou feminina, encontra-se presente tanto em homens quanto em mulheres, e o tema da agressividade precoce e sua ligação com o narcisismo é ob-

“

A idéia de um "corpo igual" é interessante, mas é preciso perguntar quanto esta questão se aguça ao se tratar de um corpo de menina.

”

reto de uma extensa literatura. A título de ilustração, vejamos o relato de Annie Anzieu, em seu livro *A mulher sem qualidade*<sup>4</sup>: "Josette é a mais velha de oito irmãos e irmãs. Desde sua mais tenra infância toma conta dos menores. Despreza sua mãe, mas ao mesmo tempo sente em relação a ela impulsos de submissão e de admiração, que levam-na a sacrificar-lhe seu tempo livre. Sai com ela sem prazer, para aplacar sua culpabilidade. Há pouco encontrou um namorado, que lhe impôs violências sexuais...". A partir desta situação clínica, a autora afirma: "seu masoquismo triste aparece muito rapidamente no tratamento vinculado com uma imagem materna temida, porque foi atacada pelos sentimentos de inveja da pri-

meira infância".

Mas não é disto que Le Guen nos fala: ele trata de uma violência primeira, que não se confunde com agressividade: violência da intensidade de excitação, violência da ambivalência, "quer para amar, ou para odiar". Sua inclusão na relação intersubjetiva deve-se à ambivalência da mãe, e não às projeções das invejas da filha.

A abertura de um campo de problematização pela introdução e implicações da idéia de um "corpo igual" parece-me interessante. É claro que em todo processo de filiação coloca-se a questão de tornar o outro um filho (alteridade), ao mesmo que se faz dele um semelhante. Mas é preciso perguntar quanto esta questão se aguça ao se tratar de um corpo de menina. Qual seu impacto no narcisismo materno e seus efeitos na constituição do narcisismo da filha? Quais as suas vicissitudes na constituição das defesas precoces? Sem dúvida, tais questões inauguram um fértil terreno de pesquisa, mas não podemos esquecer que o corpo é o palco sobre o qual o simbólico e o imaginário tecem sua trama.

Se o que desejamos colocar em debate é o masoquismo moral das mulheres, acreditamos ser útil a referência ao pensamento de Emilce Bleichmar e à instigante questão que ela coloca em seu livro *Sobre a sexualidade feminina - da menina à mulher*<sup>5</sup>: "Por que será que toda vez que nos defrontamos com o óbvio da frequência da experiência da violência no cenário da história-vivencial ou das categorias do simbólico, em vez de aplicar a tese do ominoso, do sinistro - tese clássica freudiana -: a duplicação pelo real do fantasma, como fator de importância na manutenção da angústia persecutória da mulher nas experiências sexuais, apela-se rapidamente ao enigmático?"

Para a autora, o masoquismo moral das mulheres (que ela também entende como formas defensivas contra a violência) não pode ser pensa-

do sem que se leve em conta a presença da violência do simbólico que o institui, nem separado dos valores sobre o feminino, os ideais e mitos sobre a feminilidade. A partir de tal colocação convida-nos ao seguinte desdobramento: qual o efeito da hipersexualização do corpo feminino, que se tipifica e se propõe como um ideal (por exemplo através das bonecas oferecidas para as brincadeiras das meninas, como Marilu e Barbie) e que tem um percurso isolado das vivências auto-eróticas e dos

“  
Saber qual o  
efeito da  
hipersexualização  
do corpo feminino  
é fundamental  
para não  
universalizar a  
soldadura entre o  
masoquismo e as  
mulheres.

fantasmas sexuais, mas que tem que ser recriado na versão imaginária do ego corporal que vai se instituindo como pólo narcísico e simbolizante do ser feminino? Parece-me que esse tipo de questão é fundamental para não se universalizar a soldadura entre o masoquismo e as mulheres.

**Bernardo Tanis:** É sempre tentador para a função teorizante do analista decolar da singularidade da experiência analítica e apontar para a universalidade de certos processos inconscientes estruturantes da subjetividade. Desconfio cada vez mais dos

universais em psicanálise; no entanto, confesso um certo prazer em acompanhar estas investidas, e percebo que desenvolvo uma função de garimpagem onde reconheço algumas argumentações que iluminam momentos obscuros da clínica. É a partir desta perspectiva que me aproximo do texto de Le Guen, não mais seduzido pelo Eldorado da “última palavra sobre a dita misteriosa feminilidade”. Oh! Quantas últimas já foram pronunciadas!!! Mas sim atraído pelo esforço que move um analista experiente como Le Guen a tentar compreender movimentos sutis da sua clínica, apreendidos por ele como expressão do “engodo feminino do masoquismo ordinário”.

A complexidade do tema, que envolve: teoria das pulsões, Édipo e teoria das identificações e sexualidade feminina, apenas permitirá - neste breve espaço- algumas pontuações para futuros aprofundamentos.

Le Guen constata na sua clínica uma atitude masoquista particular às mulheres que, a seu ver, não corresponde à clássica teoria de Freud sobre o masoquismo feminino e sua relação com o masoquismo erógeno e moral, dado que o primeiro apesar do nome, refere-se em muitos exemplos à passividade do homem (reмето os leitores aos textos originais).<sup>6</sup> O autor aponta a presença de um masoquismo próprio da mulher.

Le Guen encontra na experiência clínica um ponto de sustentação que o motiva para sua elaborada construção. Cito o autor: “É neste sentido que a defesa contra a violência primária vivenciada pela menina em relação à mãe poderá ser encontrada como origem de uma reação terapêutica negativa, esta forma extrema indubitavelmente patológica do masoquismo” (p.15). É o cenário transferencial que permite uma aproximação com o valor defensivo do masoquismo.

A hipótese do autor é instigante, a meu ver, visa dar conta de momentos de extrema angústia do analista

nos quais este se sente derrotado frente a uma barreira masoquista intransponível na análise com algumas mulheres, e que dependendo do teor da suas intervenções, poderá contribuir iatrogenicamente, reforçando dinâmicas de culpa e dando suporte à tendência masoquista do analisando.

Uma paciente se indagava num momento de extrema angústia: “Porque preciso sofrer deste jeito, o que pode ser pior?” Aqui a hipótese defensiva se impõe.

Em relação a este aspecto, diz Bleichmar: “Pensar que o masoquista sexual só goza é ignorar que por trás deste pode existir um sujeito aterrorizado que sexualiza o encontro com o outro para combater suas angústias persecutórias e tentar controlar uma situação traumática”.<sup>7</sup>

O campo do masoquismo obedece a multiplicidade de determinações e diferentes sistemas motivacionais, desde formas narcísicas a outras defensivas (como aquela que o autor aponta) cujo objetivo é, através do sofrimento e de uma certa submissão, escapar de um sofrimento maior.

Qual seria então, a natureza deste sofrimento “ainda maior”? Convida-nos Le Guen a refletir: uma apresentação intolerável ou, mais precisamente, o que não pode ser simbolizado pela menina que, em seu lugar surge a defesa de natureza masoquista? Para tentar responder esta questão o autor constrói a sua hipótese, baseado na teoria freudiana do intenso e conturbado período chamado de “pré-história” do complexo de Édipo na menina (dominado pela relação mãe-filha) e da sua própria teorização sobre o que chama Édipo Originário.<sup>8</sup> O argumento é relativamente simples. A ambivalência materna possui maior intensidade em relação à menina que ao menino. Este último é investido como *objeto* e proporciona à mãe uma “satisfação narcísica”, enquanto a filha contrapõe “uma identificação

narcísica, mistura de plenitude gratificante e incerteza frustrante num jogo de espelhos". É a violência, desencadeada pelo seu questionamento enquanto *sujeito*, no contexto de uma relação erotizada, que a mãe dirige à filha e frente a qual esta organiza a defesa masoquista.

Escutemos o que nos é dito sobre uma mulher: "Desejava um filho, que seria forte e moreno. Ela o chamaria de Georges. A idéia de ter um filho homem era como a esperança da desforra de sua impotência passada. Um homem pelo menos é livre; pode percorrer as paixões e os países, atravessar os obstáculos, buscar os prazeres mais distantes. Mas uma mulher está sempre presa. Inerte e flexível ao mesmo tempo, tem contra si as fraquezas da carne e as imposições da lei. Sua vontade, como o véu da cabeça, estremece a todos os ventos, há sempre um desejo que atrai e uma convenção que a impede. Deu à luz num domingo, cerca das seis horas da manhã. "É uma menina, exclamou Charles. Emma virou o rosto para um lado e desmaiou." Assim reage Madame Bovary, paradigma de um certo feminino que se constrói a partir do sec. XVIII, imortalizado por Flaubert.

Esta frustração que expressa ao mesmo tempo rechaço da filha e da feminilidade é o que, segundo Le Guen, estaria na origem da ambivalência materna. Ora, se a tese do masoquismo como defesa nos abre perspectivas clínicas e metapsicológicas fecundas, parece que o autor aqui recorre novamente à tese da "anatomia como destino". A mulher insatisfeita, tomada pelo *penisnaid*, espelha na filha sua própria castração. Por momentos temos a impressão que o autor nos conduz por este caminho já conhecido e inúmeras vezes questionado como modelo da feminilidade.<sup>10</sup> Entretanto, encontramos sustentação na tese do autor sobre o Édipo Originário elementos para uma outra possibilidade de talvez menos redutora.

Cito o autor referindo-se ao pai: "Ele ainda não é, neste momento, um rival; significa antes a não disponibilidade total da mãe. Não é bem um objeto, mas um não-objeto...: assim, o pai vem ser a própria figuração de uma ambivalência que de início, foi a da mãe" (p.13). Sim, ambivalência da mãe, presa na identificação narcísica; mas também, não podemos esquecer, a da própria filha frente ao objeto materno que inevitavelmente a frustra (Melanie Klein entrando pela porta dos fundos?). Herdeiro da pró-

“

Mergulhadas  
num caldeirão  
narcisista, mãe e  
filha fazem  
aparecer o  
terceiro,  
necessário como  
proteção.

”

pria ambivalência, ao mesmo tempo o pai possibilita deslocamento de intensidades avassaladoras. Mergulhadas num caldeirão narcisista, como num feitiço, ambas fazem aparecer o terceiro (necessário) como elemento de proteção. Esta nova presença não elimina a tensão inerente à ambivalência, mas oferece condições para o surgimento da simbolização. Isto não significa que novos interrogantes não se coloquem a partir da percepção, seja das diferenças anatômicas ou dos valores atribuídos aos gêneros numa determinada cultura (angústia de castração), que poderão ressignificar a

*posteriori* estas primeiras experiências. Estas considerações recolocam a questão da ambivalência materna numa origem híbrida e não exclusivamente fálica. A problemática da identificação mereceria aqui um aprofundamento maior, que extrapola os limites deste trabalho.

Indiscutivelmente é consenso na psicanálise contemporânea, conceber a constituição do sujeito como intersubjetiva. Ao situar o "masoquismo ordinário" neste contexto, o autor dá mostras de sua inserção neste movimento e enriquece a compreensão de complexos momentos da clínica. No entanto, em alguns passos da sua construção, como apontamos, parece preso a controvertidas teses sobre o feminino em Freud. Tema para debate.

Sua tese não deixou de evocar possíveis implicações na formação analítica seja no campo da ambivalência do mestre em relação aos seus discípulos, seja na submissão (masoquista?) destes em relação aos primeiros, mas isto já é tema para um outro debate....

## NOTAS

1. C. Le Guen, "O engodo feminino do masoquismo ordinário" in *Percurso*, n.18, São Paulo, 1997
2. S. Freud, "El problema económico del masoquismo" in *Obras completas*, Buenos Aires, Amorrortu, v. XIX.
3. M.Safouan, *A Sexualidade feminina na doutrina freudiana*, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
4. N. Anzieu, *La mujer sin cualidad*, Buenos Aires, Paidós,
5. E.Bleichmar, *La sexualidad femenina - de la niña a la mujer*, Buenos Aires, Paidós, 1997.
6. S. Freud, "O problema económico do masoquismo" e o texto de Le Guen aqui em pauta.
7. H. Bleichmar, *Avances en psicoterapia psicanalítica*. Paidós, Bs. As. 1997. P.100
8. C. Le Guen, *El Edipo Originario*. Amorrortu Editorial, Buenos Aires, 1990.
9. G. Flaubert, (1856), *Madame Bovary* (1998), p.94.
10. M. R. Kehl, *Deslocamentos do Feminino*, Imago, 1998, discute a partir de uma interessante análise de *Madame Bovary* o imaginário sobre a mulher nos sec.XVIII e XIX, e como foram incorporados no pensamento psicanalítico.